

Escrever sem escrever, de Leonardo Villa-Forte: entre a tecnologia e o autor-curador

Maria Catarina Rabelo Bozio

O livro *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*, de Leonardo Villa-Forte, publicado em 2019 pela Editora Relicário, traz uma adaptação da dissertação de mestrado do autor, defendida junto à PUC-Rio. A abordagem agrega leituras do universo acadêmico – com referências de rodapé e citações de autores de referência teórica no corpo do texto – e uma escrita muito acessível e atual, que dialoga com produções artísticas nacionais e internacionais bastante recentes. A pesquisa realizada oficialmente entre 2013 e 2015 dá origem ao livro publicado anos depois, mas é visível uma certa atualização e incorporação de novos exemplos, como é o caso da menção ao *Ensaio sobre os mestres*, de Pedro Eiras, publicado em Lisboa no ano de 2017.

Villa-Forte, no livro, explora as possibilidades da escrita não criativa – o *escrever sem escrever* –, contrapondo ao movimento da escrita criativa que ganhou tanto espaço com as oficinas literárias, e reflete sobre a incorporação dessa prática em um contexto de ferramentas tecnológicas que afetam a nossa maneira de ler, de escrever e de produzir artisticamente, a partir dessa influência. Para isso, o autor proporciona reflexões a partir de uma mescla de repertórios e vivências, que possibilita, inclusive, uma reflexão para além do campo exclusivo da literatura, atingindo exemplos também na música, nas artes plásticas e na produção audiovisual.

A abordagem inicial de *Escrever sem escrever*, já no capítulo introdutório “Inserção”, nos proporciona uma vívida reflexão sobre o lugar da produção artística no presente contexto, ao estabelecer diálogos com referências teóricas, críticas e artísticas de períodos preexistentes. Após embasar a análise da produção contemporânea a partir desses referenciais históricos que garantem uma visão universal, no capítulo “O estado dos textos”, o autor torna possível acompanhar o percurso de descentramento da autoria – ao refletir sobre o movimento de deslocar citações e fragmentos de um texto para incorporá-los em outro – e possibilitar análises sobre os efeitos dessa prática no âmbito literário e artístico de modo mais amplo.

Nesse sentido, Leonardo Villa-Forte sistematiza, no capítulo “Autor-curador” – com base em diversos exemplos –, uma cultura artística de retomadas, reinterpretações e reutilização de textos, imagens e sons, ressaltando o papel de “curador” do autor contemporâneo. Nesse trecho, inclusive, se desdobra o exemplo da já mencionada obra de Eiras como uma referência que consegue ilustrar e condensar em si toda uma proposta de apropriações e de criação a partir das citações. Esse aspecto se concretiza, por exemplo, quando Villa-Forte incorpora em sua análise uma citação de Silvina Rodrigues Lopes, mencionada na obra de Eiras, que reflete sobre a natureza das citações de serem deslocadas de um contexto para outro. O pesquisador, então, reflete:

se lemos já numa busca pelo que citar, pelo que pode nos servir, pelo que poderemos usar, estamos o tempo inteiro interrompendo um livro e pulando para outro. Há sempre algo ao lado, algo por trás de uma página, um capítulo, procuramos algum outro elemento que possa nos excitar. A abundância de materiais e o constante *zapping* entre um e outro prejudicam a capacidade de fruição de um conteúdo na sua inteireza. (VILLA-FORTE, 2019, p. 131)

Com essa abordagem, toda a proposta de uma literatura de deslocamentos se coloca de maneira crítica e suscita importantes condições de fruição também ao leitor: antes de pular para outra obra – ou mesmo para a fonte da citação – o movimento de buscar compreender o todo que se coloca em si.

Também em “Autor-curador”, Villa-Forte, explica a nomenclatura do capítulo e, conseqüentemente, sobre o papel desempenhado por essa figura que, para ele, não avalia “se uma palavra deve nascer”; e sim “se uma palavra deve permanecer e como.” (p. 147). Não menos importante, ao longo do capítulo, o pesquisador reflete sobre a existência de elementos e indícios da escrita não criativa já em autores como Eliot, Pound e Benjamin. Por fim, o pesquisador desenha o papel da tecnologia nesse processo, considerando essa influência mais recente. Tal mecanismo é ilustrado, por exemplo, com a poeta brasileira Angelica Freitas que, segundo o pesquisador, ao utilizar como base frases resultantes de uma atividade de investigação no Google, torna a escrita uma atividade coletiva.

Ainda neste capítulo, o autor de *Escrever sem escrever* compartilha uma experiência própria: o blog *Mixlit*, O DJ da literatura, administrado por ele e alimentado com mais frequência até 2013. Com breves incursões nas suas atividades criativas, torna-se possível compreender como o arcabouço crítico e analítico também é apropriado pelas suas criações autorais, movimento, mais uma vez parecido com o que se vê na produção de Pedro Eiras. Aqui, a defesa desta figura do autor-curador ganha corpo, exemplos e abre o capítulo “Não escrever, uma prática artística”, que propõe uma análise e um diálogo com a obra de Kenneth Goldsmith, defendendo que “A escritura de Goldsmith é uma transcritura.” (2019, p. 167)

Interessante destacar que Villa-Forte propõe uma organização bastante lúcida para os tipos de fontes presentes nesses trabalhos de apropriação: o discurso alheio, o senso comum, sem assinatura (discursos de internet); textos literários com assinatura; textos jornalísticos, não literários, com ou sem assinatura; discursos orais, radiofônicos, sem assinatura, mas com origem determinada. (2019, p. 162). Contudo, mais do que o mapeamento desses formatos, chama atenção sua reflexão sobre o caráter artístico do escritor contemporâneo inserido em um contexto de excesso de informação e em uma nova temporalidade hiperveloz.

A perspectiva de precisar lidar com um manancial de dados, e não mais com uma página em branco, é aprofundada pelo autor no último capítulo do livro, “Flutuação”. É com esse percurso analítico que Leonardo Villa-Forte ousa sugerir em seu último capítulo que, hoje, parece muito mais natural escrever copiando, colando, remixando e recriando do que escrever criando. Mais do que isso, que a apropriação, a montagem e o deslocamento são “procedimentos em consonância com o espírito da época” (2019, p.198). A partir dessa proposição, a obra provoca não apenas os teóricos, mas também os escritores e artistas contemporâneos a pensarem os processos criativos, os efeitos éticos e o caráter político dessa tendência. A todos esses atores da cena literária pode vir a interessar o aprofundamento nos temas suscitados por Villa-Forte na obra em questão.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI**. 1a edição, 1a reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: [Belo Horizonte, Brasil]: Editora PUC Rio ; Relicário, 2019.

EIRAS, Pedro. **Ensaio sobre os mestres**. Lisboa: Documenta, 2017.

GOLDSMITH, Kenneth. **Uncreative writing: managing language in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.